

Da obra de
Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

OS QUAIRIBAS



Da obra de
Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

OS QUAIRIBAS



© 2024 – Editora Unigala

Todos os direitos reservados à Família Ambrósio.

www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com

Organizadores

Ramiro Esdras Carneiro Batista
Elza Cristiny Carneiro Batista

Capa

Ramiro Esdras Carneiro Batista/Montagem Unigala

Transcrição

Ramiro Esdras Carneiro Batista
Ana Sophia de Matos Carneiro

Revisão

Maria das Mercês Bomfim Ambrósio
Saulo Esdras de Matos Carneiro

Os organizadores optaram por preservar a grafia constante dos originais do autor.

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração: Resiane Paula da Silveira

Conselho Editorial

Dr. Ramiro Esdras Carneiro Batista, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP
Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF
Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR
Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC
Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS
Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP
Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL
Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB
Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Ma. Emily Maria Torres de Magalhães Borges, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dr. Déric Soares do Amaral, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE
Me. Kleberson Almeida de Albuquerque, Universidade do Estado do Pará, UEPA
Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional
Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B333d Os Guaibas – poema (Manoel Ambrósio em Versos – Vol. III)
/ Ramiro Esdras Carneiro Batista; Elza Cristiny Carneiro Batista
(organizadores). – Formiga (MG): Editora Unigala, 2024. 45 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-42-4

DOI: 10.29327/5419716

1. Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. 2. Guaibas. 3. Poemas. I.
Batista, Ramiro Esdras Carneiro. II. Batista, Elza Cristiny Carneiro. III.
Título.

CDD: 398.2

CDU: 39

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam
responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins
comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.unigala.com.br

editoraunigala@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2024/08/os-guaibas.html>





Da obra de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

OS GUAIBAS

poema

1ª Edição



*O dia inteiro,
as águas ouviram,
e as matas entenderam,
as vozes que o vento vai levando
para oeste, para longe, para além do Culuene,
onde o sol se apaga, como a fogueira da última taba,
onde os cocares dos buritis pendem imobilizados,
e o rio marulha a canção dos guerreiros
que vão desaparecer....*

(Guimarães Rosa, 1997, p. 25)

SUMÁRIO

Nota editorial	08
Fragmento de Introdução: Contos e Novelas do Vale das Maravilhas	11
Os Guaibas – poema	15
Capítulo I	15
Capítulo II	17
Capítulo III	20
Capítulo IV	22
Capítulo V	23
Capítulo VI	24
Capítulo VII	27
Capítulo VIII	29
Capítulo IX	31
Capítulo X	35
O autor e sua obra	39

Nota editorial

Esta primeira publicação do poema *Os Guaibas*, de Manoel Ambrosio, visa compor o acervo digital com a totalidade da obra do autor januarense, disponibilizado com acesso gratuito na rede internacional de computadores. A presente edição, semidiplomática, insere-se no escopo – e como produto – de investigações partilhadas entre pesquisadores/as de diferentes origens, no momento vinculados/as às seguintes instituições de ensino: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Preliminarmente é difícil fazer ilações sobre a imersão do autor no tema do indianismo, mas percebe-se que no conjunto de sua obra Manoel Ambrósio não transige em visibilizar, tanto a presença quanto os vestígios que encontra das civilizações indígenas no escrutínio da história cultural do vale sanfranciscano. Isto posto, vale indagar sobre as possibilidades e estratégias exercidas por Ambrósio em relação á reescrita da história dos povos do Rio, limitado que estava pelas ciências sociais de sua época. Ou, dito de outra maneira, podemos nos perguntar em quais suportes de memória se apegava o autor, a fim de apontar a presença e concomitante tragédia que se abateu sobre os povos originários, outrora territorializados na calha do antigo *Paranapetinga*?!

Lembrando também da impossibilidade de recorrer aos vestígios arqueológicos, ciência ainda inexistente para o autor, em termos práticos; e confrontado que estava por uma narrativa histórica eurocentrada que desconsiderava (e segue desconsiderando) a pujança das civilizações indígenas na América invadida, nosso poeta-pesquisador parece recorrer – para além da tradição oral –, às pistas deixadas na paisagem (sobretudo em seus espaços interditos), nos seres do bioma sanfranciscano, nas diferentes categorias de não humanos e, finalmente, ao próprio Velho Chico – entidade viva e perene – que no poema em tela insiste em perguntar aos “brancos” de São Romão: *onde [estão] os meus selvagens, meu nobre povo gentil?*

Indagação que pôde ser respondida no curso do texto mediante a denúncia dos crimes cometidos pelas bandeiras e seus respectivos bandeirantes, os “heroicos desbravadores” que transformaram a idílica Ilha dos *Guaibas* em *um brazeiro, uma fornalha [onde foram trucidados] velhos, mulheres, crianças – Efemerias folhas das franças – [que] cahiram nessas matanças[.]* É assim que nos vemos diante de uma narrativa poética ambrosiana que, vale ressaltar, concorda com a hodierna versão histórica da colonização das *Minas Geraes* defendida pelo imortal Ailton *Borum Krenak*, literato indígena que, sobre os ombros de sua própria tradição mnemônica, assevera jamais ter havido por parte dos invasores a intenção de fazer parte do mosaico de povos e culturas que prosperaram no território sanfranciscano desde tempos imemoriais, mas que aqui vieram com o intuito único de rapinar, subjugar, escravizar e negar qualquer possibilidade de convivência simétrica dentre humanidades distintas.¹

É na aparente tentativa de refletir sobre a invasão colonial no seu torrão natal que Ambrósio urde seu poema, propondo, finalmente, que a cidade dos brancos (a vila do desengano), funda-se a partir de *execrando triumpho*. Ao fim e ao cabo, nosso católico-autor decreta a necessidade de redenção de um povo engendrado a partir de um *teatro tão desumano*. Para Ambrósio, São Romão da Vila Risonha não pode prosperar enquanto não expiar a desgraça, o tormento e o remorso das ações tenebrosas que produziram uma miríade de *almas penadas* sertão adentro, assombrações estas que são o fruto e o resultado do genocídio praticado por Januário Cardoso e seu séquito de portugueses e mazombos.

Mergulhando mais nos meandros do poema percebe-se ainda que, se é verdade que a escrita da história dos/pelos “brancos” e “notáveis” silencia sobre o holocausto indígena, de outra parte *o Rio, os urutáos, os bacuráos, os zabelês e os cangirês*, em suma, *a grande alma da natureza* sanfranciscana responde clamando pelo genocídio do Povo *Guaiba*, gritando e piando de forma ininterrupta pelo desaparecimento de seu povo originário.

Vamos à tragédia.

Sertão do Paranapetinga,
no inverno de 2024.

¹ Nota dos organizadores: sobre o assunto, consultar: Bolognesi, Luiz. 2019. *Guerras do Brasil.doc*, in *Guerras da conquista*. Disponível em <https://tvbrasil.ebc.com.br/guerras-do-brasildoc>. Acesso em 13 dez. 2020.

Contos e Novelas do vale das Yparavilhas

Manoel Ambrósio
(Do Inst. Y. G. de Minas)

Os Guaibas

Poema

Ilha de São Romão - Conquista e fundação
de S. Romão em 1668 - 23 de Outubro - pelos des-
troços da 2ª bandeira paulista comandada por
Jannario Cardoso de Almeida Brandão ~~em busca~~
~~das Comarcas de Fernão Dias~~ por Manoel Cyri-
aco ^{Parente} - ~~o irmão~~ - Toledo - em honra de Jannario con-
dante da destruição da 2ª bandeira em busca das comarcas
de Fernão Dias 'Pais Leme.

Jannario - ~~Ambrósio~~

[Fragmento de] Introdução:²
Contos e Novelas do Vale das Maravilhas
– Poema Os Guaibas –

Manoel Ambrosio

*(Do instit[uto] H[istórico]
e G[eográfico] de Minas)*

[A] Ilha de São Romão – Conquista e fundação de S[ão] Romão em 1668 – 23 de outubro – pelos destroços da 2ª bandeira paulista comandada por Januario Cardoso de Almeida Brandão, por Manoel Pyres Maciel Parente e os irmãos – Toledos[.]

Em honra de Januario comandante dos destroços da 2ª bandeira [saem] em busca das esmeraldas de Fernão Dias Paes Leme.

Januario fundou o 1º Morrinhos[.] pequeno arraial que se chamava do – Meio – [ilegível] ao arraial da Manga, hoje cidade.

Fundando o 2º Morrinhos denominou-o Mathias Cardoso em memoria de seu filho [ilegível] que fora nomeado governador do Urucuia e ali morrera no arraial de Burity em data ignorada.

Januario Cardoso falecera em Morrinhos e jaz ao pé do altar-mór em uma lapide de ardosa que em 1903 lemos[:] inscrição gravada em (diz-se em 9 fev [ilegível] foi roubada.

(...)

² Nota dos organizadores: nota-se que o texto introdutório que Manoel Ambrósio escreveu para os futuros leitores de *Os Guaibas* perdeu-se, em sua completude. Aqui transcrevemos somente a primeira e as (presumidas) últimas páginas encontradas junto aos originais do poema.

O portuguez Manoel Pyres Maciel, diz-nos a historia, infamado nas capitancias do norte por ter sido o chefe de varios individuos celebres pelas atrocidades nellas commettidas, homisiara-se em Minas Geraes, onde relacionando-se com Januario, cumplice como elle, installara-se nas mattas da Manga, margem – e[squerda] – do S[ão] Francisco. **De parceria com toda a gente de que dispunham atacam estes traiçoeiramente a uma grande taba de uma vasta ilha em 1690 – 1691**[ilegível] presumiveis.

De todo e de tudo despercebidos para uma semelhante e encarniçada luta que nem por sonho esperavam, **passados á espada, desses desgraçados nem um só escapou.**

A criminosa hecatombe foi coroada com o nome de *victoria* e a ilha, *de S[ão] Romão*, isto é, nesse dia (18 de outubro) a igreja festejava o santo. Em seguida Manoel Francisco de Toledo, sobrinho de Januario, afim de eternizar o feito glorioso de seu tio, funda um povoado com o titulo de S[ão] Romão.

Desce o rio o famigerado Maciel, e, 30 leguas abaixo com seus antigos companheiros e gente das fataes correias que allieiára accomete a pacifica aldeia do Itabiraçaba.³

Qual acontecera aos de S[ão] Romão, os miseros sem defeza e com armas inferiores são derrotados, morrendo na acção o cacique, duas de suas filhas, caindo prisioneira uma terceira filha jovem ainda em mãos desses salteadores. Indiscriptivel fora a carnificina na taba, cujo lugar occupa hoje a Igreja matriz.

Terminando o combate, retiraram-se os indigenas não para muito longe.

Maciel, satisfeito com a conquista e achando aprazível o lugar a exemplo de Toledo, fixou ahi a sua residencia, fundando ahi um povoado.

Por indios escravizados seus e diversos aventureiros mandou roçar e asseiar a area da antiga taba para a criação de uma capelinha.

Entretidos se achavam no serviço, quando repentinamente todos os trabalhadores caem varados por uma espessa nuvem de flexas.

Maciel, cuja residencia pouco distava do local, accode pressuroso e uma luta séria se empenha por todo aquelle dia, sendo completamente rechaçados os selvicolas, que em uma horrenda gritaria e desordenada carr[e]i[ra] foram impellidos ao profundo das florestas, impossibilitando desta vez de uma outra peleja.

³ Nota do autor: Ita – pedra, Bira – pontuda, Çaba – cousa commum

Com esta acção **conseguiu o conquistador tornar-se respeitado pelo terror.**

Um dia dos cimos dos rochedos desta formosa serra do Amparo, ouviu-se um imenso alarido.

Soava o tambor da guerra.

Dir-se-hia um ultimo esforço novamente tentado para decisiva victoria.

Maciel e sua gente sobressaltados correram ás armas, dando descargas em rumo á serra, mas, não conseguiram amedrontal-os. Viam se indios saltando de pedra em pedra, e pelo valle em fora em um imenso horizonte, uma inexprimivel nota de indefinida tristeza se propagava dolorosamente.

Eram gemidos, imprecações, gritos de angustias e saudades, profundas lagrimas e suspiros que a tradição nos trouxe em suas azas immortaes.

Os selvagens se despediam. Nunca mais á terra natal!

Té a meia noite fogueiras, danças e cantares duraram, e ao romper da aurora, sinão os mortos, nem um só desses heroes repousava em terra dos seus maiores.

Uma pegada, segundada por outra, indicava o exilio das reliquias desse exercito em demanda do Acary, affluente do rio Urucuya.

(...)

Os Guaibas

1

A ilha — plena primavera! Bem ao meio do Rio
Estende-se deserta a ilha donairasa,
De um lado e de outro praias sosegadas
É ela, essa mansão distante e radiosa.

Se roupas novas a floresta traja-se
É um verde-louro ostento no arrebol.
Que delícia a manhã, auras e perfumes
Da côrta branca de areia aos raios do sol!

O vento encrespa levemente as águas
E a onda enflora a superfície azul.
O comaro se levanta a beira do canal,
Espraia-se da brisa o biço manso azul.

Os Guaibas

I

– A ilha –

*Plena primavera! Bem no meio do Rio
Estende-se deserta a ilha desairosa.
De um lado e de outro praias socegadas
É ela, essa mansão distante e radiosa.*

*De roupas novas a floresta traja-se
E um verde-louro ostenta no arrebol.
Que delícia a manhã, auras e perfumes
Da côlxa branca de areia aos raios do sol!*

*O vento encrespa levemente as águas
E a onda enflora a superfície azul.
O comoro se levanta á beira do canal,
Espraia-se da brisa o beijo manso exul.*

*Ó muito béla, assim, no leito agreste,
Em derredor cercada da corrente,
Onde o mormaço accende sem queimar
As gotas do sereno e a bruma alvinitente.*

*Plena primavera! D'além no outra banda
Susurra á soalheira o banzzo das fanfarras.
São cantos, são trinados, são rôlas turturinas
E la no matagal os carmes das cigarras.*

*Lá está éla de azas estendidas,
– Ave do desterro – assim desabitada.
Como se adorna a noiva sem noivados
– Terra de ninguém – da terra separada!*



II

*A tragédia é uma dor,
Aos justos ceos exarando,
Com palavras assombrosas
Duras sentenças pezando.*

*Austéra, comove, abala,
Olhando pro firmamento.
Treme a selva quando sente
Nas folhas gemer o vento.*

*Aquele sitio isolado
Ainda clamando está;
Teatro tão desumano
Ó nunca mais tornará.*

*Seus traços jamais se apagam
Do concerto natural;
São pegadas que ficam andejas
Por maldição eternal.*

*O sangue semelha a lava
Do volcão onde correm;
Deixou so cinzas na estrada,
O que era vida morreu.*

*Resta o negror da derrota.
Queres ouvil-a? Pois bem!
Escuta a voz destes ermos
Daquelas plagas também.*

*Escuta agora a alvorada,
Das tardes nos ceos nevando,
E a caravana das águas,
Tão vagarosas passando.*

*De purpura esses poentes
Do celeste panorama,
Essas tintas que o crepúsculo
Por essas ribas derrama.*

*Os luares, cor de leite,
Por invias nuvens vagando,
Com as estrelas do sertão
Por outra noite esperando.*

*Escuta a brumosa estância
Desta grande maravilha,
E as madeiras seculares
Frondosas daquela ilha.*



III

*Do matagal ao fundo os macarinhãos,
– Almas penadas – bramam pras margens.
Que melodias nos ares... horas mortas...
Suspiram os caliangús no denso das ramagens!*

*Pia o jaó nos taquaraes serrados,
Se a noite venta e o temporal estría.
Que doce melopéa a ribanceira encanta
Do pequeno peixe-frito ao brando mãe-da-lua!*

*Como e porque tanto idílio
Se uma sonora lembrança?
Onde morreu a esperança,
Não entra um raio de amor?
Levam-nos fadas na lida
Por uma senda dorida,
Revendo quadras na vida
Aos sonhos de um trovador.*

*Fôra ali! Quero contar-te
Façanhas da antiguidade,
De que modo a iniquidade
Bradára aos ceos pelo órror.
Mudam-se os tempos, as eras,
E o mundo traz certas feras,
Que dentro de curtas esferas
Renegam o seu Creador.*



IV

*Cedo cessára o outomno. As trovoadas
Da mata virgem desciam ás pirambeiras.
Os nevoeiros se erguiam em cordoalhas
De xuvás santas, lavando as cordilheiras.*

*Raso, manso, tranquilo, adormecido
Jazia o Paranapetinga – o grande Rio;
Mas, o inverno, abrindo as cataratas,
Levanta o dorso desse mar gentio.*

*Sobem, então as águas. Formidável enxente
Transpõe do largo vale as cercanias
Os matos se alagam. Destroços do arvorêdo,
Boiam, deixando as solidões sombrias.*

*São muitas, balseiras sulcando a tona algente
De negros troncos colhando a correnteza.
Verdes monstros, rolando rente ás vagas,
Cavam ciladas á rustica redondeza.*

*Da líquida clareira ao léo, ei-los, tombando
Rumo norte talvez, rumo ao oceano,
[ilegível] madeiros, leves, uns dragões
Que o Mar interior arrasta soberano.*

*Quebrando as barras do dia
Num rastilho de alvorada
Vém xegando a madrugada
Num clarão de fresca luz
Um eco estranho se alaga,
Encrespa o liso da vaga,
Treme o xão, sacode a vaga,
Um tipo de arcabuz.*

V

*Dos índios Guaibas a raça valente
Desperta a conquista, falaz, traiçoeira
Fogo na ilha! Provoca o incêndio
Um grande alarido na taba guerreira.*

*Á voz de comando Cacique e seus bravos
Irados, revoltos se atiram a lutar;
Tremendo o bloqueio!... das garras da morte
Heroes e heroínas quem hade escapar?*

*Relampo – a peleja! – Sangrenta a defeza
[ilegível] na arena, vacilam atacantes;
Por vozes avançam, por vozes recuam,
La treme a bandeira por seus bandeirantes.*

*E bando e selvagens, então, se confundem,
Estrondam os barrancos das márgens do Rio,
Trabucos, mosquetes, terçados, adagas,
Tacapes e flechas num so desafio.*

*Crepita a macega
E a xama
Esparrama
Negrores,
Terrores
Fataes
Quem, pois, que se entrega?
Rendidos...
Vencidos?
Jamais!*

VI

*Um dia inteiro durára
A contenda malfadada;
Para vencer – tudo ou nada,
Para morrer de agonia.
Um brazeiro, uma fornalha...
E, no fragor da batalha,
Sangrentos corpos espalha
A resistência bravia.*

*Bombardas estôuram, sibilam pelouros,
Colericos ardentes coriscam a matar.
Combate o Cacique, tombando a seu lado,
Esposa na arena vê [ilegível] expirar.*

*Mas, eis que á tarde no sertão se finda,
Sombras alongam procurando um leito.
Não mais a taba – um montão de cinzas –
Bravo o Guaiba baleado ao peito!*

*Do corpo robusto sangrentas feridas
Ensopam os terreiros ja rubros da ocára.
Dos olhos cerrados não desce uma lagrima
Ao rosto moreno que a dor desbotára.*

*Em terra um joelho, ao lado uma aljava
De flexas dentadas; quem é que não vê?
Disparos abrindo clareiras nas hostes,
São raios da morte do seu curarê.*

*Fincado no campo com a dextra estendida,
A corda do arco reteza a rugir,
É rôxa, não cede, não morde a poeira,
É tronco lascado, de pé, sem cahir.*

*Seus labios cerrados! Em torno o silencio
De terra maldita. Quem hade esquecer?
Que magua no cale carpindo a desdita
Por quem decidido se expoz a morrer?*



VII

*Desse horrendo sacrificio
Ninguém, ninguém se salvára.
Ao selvagem a sorte avara
Não quiz ceder os laureis.
Velhos, mulheres, crianças,
– Efemerias folhas das franças –
Cahiram nessas matanças
Dessas maremas cruéis.*

*Nesse sitio desolado
Que se avista acolá,
Ainda clamando está
Um feito tão desumano.*

*O sangue – eterna ameaça –
Cada vez que um seculo passa,
Mais aviventa a desgraça
Da vila do desengano.*

*Ai! São Romão! São Romão!
Tinhas direito? – Nenhum!
Feriste a taba inocente
Que não te fez mal algum.*

*Tu te cobriste de rosas,
Trucidaste na traição
Teu peito – peito de pedra –
Nunca abrigou compaixão.*

*Tu cantavas, tu te rias,
Quando teus crimes clamavam,
Quando as estrelas cadentes
Prantos de luz derramavam.*



VIII

*Naquellas frondes, agora, se entrelaçam
Um ar de luto e dor que não tem fim.
Fundou-se o povoado e do execrando triumpho
Que paz um arraial que fez esse festim?*

*De areia nos bancos os monstros modorram
No fundo canal,
Despertos movendo taes ondas levantam
Com um temporal.*

*Onde, onde, os meus selvagens
Meu nobre povo gentil?
– Inda pergunta ao Brasil
O São Francisco – [ilegível]
– Nunca a verdade neguei,
Nunca a justiça, nem lei.
Se eu te jurar que não sei
Dirá a tragédia: – Sei eu!*

*Sonhaste, talvez a gloria
Mas doutra especie os dilemas.
De teus pulsos pendem algemas
Que arrastam a condenação.
E depois de tantos soes,
Tantos, tantos, arreboés,
Onde foram teus heróes,
Ó vila de São Romão?!*

*Ai está a tua imagem, triste, esquiva,
O deserto, o abandono, a selva estacionaria,
Um cadaver do passado, a canoa primitiva,
E n'este esquife estendido – a Ilha solitaria!*

*Por largos decenios, por mais de dois seculos,
Chamaram-te ribas de malassombradas
[ilegível] ou tormento de amargos remorços
De almas penadas de ações tenebrosas.*

IX

Barrancos risonhos...
Da banda de lá...
Da banda de cá
A ilha no meio
O Rio que desce
Da luta se esquece
Nem mais aparece
Nem ha mais receio.

E as donzellas
Das florestas
Quantas festas
De inocencia aqui sonharam
Aos albores
Dos amores
Como as flores
De que modo se acabaram!

Pequeninas
Embaladas
Orvalhadas,
Como ramas e ramusculos
Avesinhas
Criancinhas
Das tardinhas
Só tiveram seus crepusculos.

*Nas bafagens
Adorantes
Das vazantes
Nas touceiras d'acolá
Está saltando
Está cantando
Sonorando
O sabiá.*

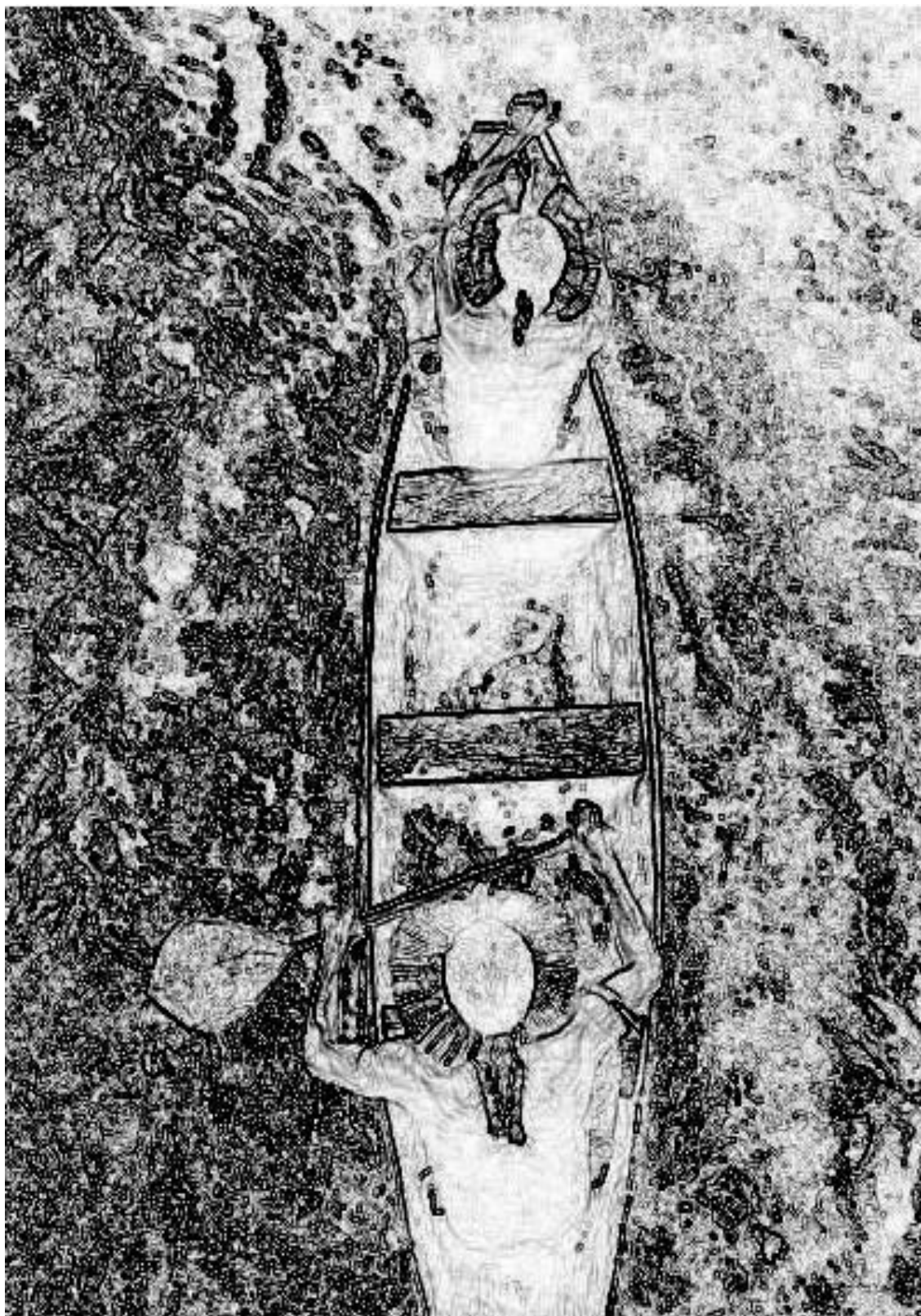
*Lá bem distante
La bem no centro
– Sertão a dentro
Os buritis
Que tem os ninhos
De gravetinhos
De passarinhos
Dos bemtevis.*

*Nessas palmeiras
De aguas claras
Azues araras
Nesses momentos
Nos tremendaes
Dos coqueiraeas
Grazinam aos ventos.*

*Convidam as sombras
Os urutáos,
Os bacuráos,
Dos gravatás,
Os zabelês,
Os irerês,
Os cangirês,
Dos araxás.*

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira
OS GUAIBAS - POEMA

*Então, no ermo,
Toda a ravina,
Toda a riuma,
Uma beleza...
Da verde palma
Pequena e calma
A grande alma
Da natureza.*



X

*Linda ilha que dor, que injustiça,
Suportando as injúrias da sorte!
Porque vives assim lastimosa,
Ó rainha das ilhas do norte?!*

*Nestas selvas susurra a folhagem
Noite e dia na beira do mar,
Quando os astros dos ceos descem ás ondas
Nas planícies em luz, sem luar.*

*Recordar o passado é viver,
É sonha[r] a existência dorida.
É fazer despertar dentro d'alma
Do amor a canção mais sentida.*

*Nessas horas de agreste ardência
Que lembranças, então, germinam!
Desse mar de atrás desventuras
So tu sabes a dor despertar.*

*Mas, silencio! Que os ceos não despertem.
Teus queixumes... nem solte-os ao vento.
Tens segredos? – Sepulta-os nas águas
Deixa as ondas leva[r] teu tormento.*

*Hade vir o teu dia á ventura
Doutro tempo nos ceos apontar.
Tu terás uma glória formosa
Teu desterro hade enfim se acabar.*

*La nas orlas da mata sagrada
De uma riba murmura um ribeiro:
– Guaiba – trazendo á memoria
As saudades de um povo guerreiro.*

*Agora arrulam no espinheiro á tarde
As pombas bravas, pros pombaes chegando.
Que lindas cores a plumagem ostentam
Nas resteas d'ouro deste sol entrando!*

*Resplandem as sombras nos confins das selvas,
Purpúreos franjos pelos ceos se aninham
Ditosas margens, coloridas vagas
de azul e fogo no sertão caminham.*

[illegible]



Era tão de carne-e-osso, que nele não poderia empessoar-se o cediço e fácil da pequena lenda. [Foi] denso, presente, almado, bom-condutor de sentimentos, crepitante de calor humano, governador de si mesmo; e inteligente.

(Estas estórias - João Guimarães Rosa, 2001, p.115)

O Autor e sua Obra⁴

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira é, certamente, um modelo de intelectual do fim do século XIX, capaz de manejar diferentes saberes e ciências com maior ou menor erudição: atuou como jornalista, escritor, político, professor, historiador e folclorista, aventurando-se, embora amadoramente, em campos como a mineralogia e a espeleografia.

Para se ter uma dimensão desse ecletismo, há relatos, em pequenas notas de jornais cariocas dos anos 1920 e 1930, de que Ambrósio enviava a sociedades científicas da capital federal, pelos vapores, exemplares de minérios colhidos no Vale, na expectativa de que o solo de sua amada terra fosse tão benfazejo quanto a paisagem que tantas vezes cantou, em verso e prosa. No final da década de 1930, o januaense figurou como personagem recorrente em uma série de reportagens que tratava das misteriosas minas de prata supostamente localizadas às margens do Rio São Francisco.

Outros relatos dão conta de seu envolvimento com a produção de látex na região.⁵ Há, também, cartas remetidas a uma autoridade da capital mineira com representações das pinturas rupestres do Peruaçu, décadas antes de todo o interesse por esse importante sítio arqueológico.

Como jornalista, Ambrósio tentou tirar das sombras os abusos dos mandatários locais: expôs o superfaturamento das obras do cemitério de Januária, denunciou uma retumbante fraude nas eleições para o Senado, em 1903, fez campanha para a criação de colégio católico na cidade, e buscou educar o gosto do povo barranqueiro pela literatura, com a publicação, nas páginas do jornal *A Luz*, dos folhetins *Hercília* (depois editado em livro, em 1923 e republicado em 2021) e do inacabado (ao que parece) e enigmático *O chalé de Tonkin*, obra sobre a qual não se tem notícias.

⁴ Nota dos organizadores: texto originalmente publicado nos anais do *I Seminário de Estudos Ambrosianos – escrever na margem, educar na berlinda*, evento realizado em agosto de 2021, na terra natal do autor.

⁵ Nota do posfaciador: O PAIZ, 15 de janeiro de 1910, p. 2.

Como historiador, o januarense tentou reconstruir os vestígios do passado colonial da região. Utilizou o seu jornal para publicar um *Esboço Histórico de Januária*, provavelmente recorrendo a documentos que, na sua época, ainda estavam disponíveis. Nesse texto, de 1903, Ambrósio destaca a existência de propriedades escravagistas nos arredores da cidade, por volta de 1860, localizadas no distrito de Brejo do Amparo.

Outros detalhes da trajetória do escritor ajudam a construir a imagem de um caçador de vestígios históricos para ele. Exemplo disso é a fotografia, achada em seu arquivo, do piso da suposta residência de D. Maria da Cruz ou, ainda, os relatos de que ele tencionava encontrar, na região de Manga - MG, as ruínas do “castelo do Calindó”, que teria pertencido ao bandeirante Manuel Nunes Viana, figura histórica que aparece como personagem do conto “A filha do general emboaba”, de *Brasil Interior*.

Essa busca de Ambrósio pelas ruínas é uma característica importante de sua obra ficcional. Em vários livros dele podemos observar o interesse pelas taperas em que se transformaram as casas-grandes, a lembrança de ermidas abandonadas, a decadência dos poderosos ou a menção às cruzes à beira do caminho, sinalizando a violência que grassava nos sertões.

O olhar de Ambrósio para o passado de seu querido Vale, nos faz recordar o anjo da história de que trata Walter Benjamin nas suas famosas teses sobre a História:

Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1985, p.226).

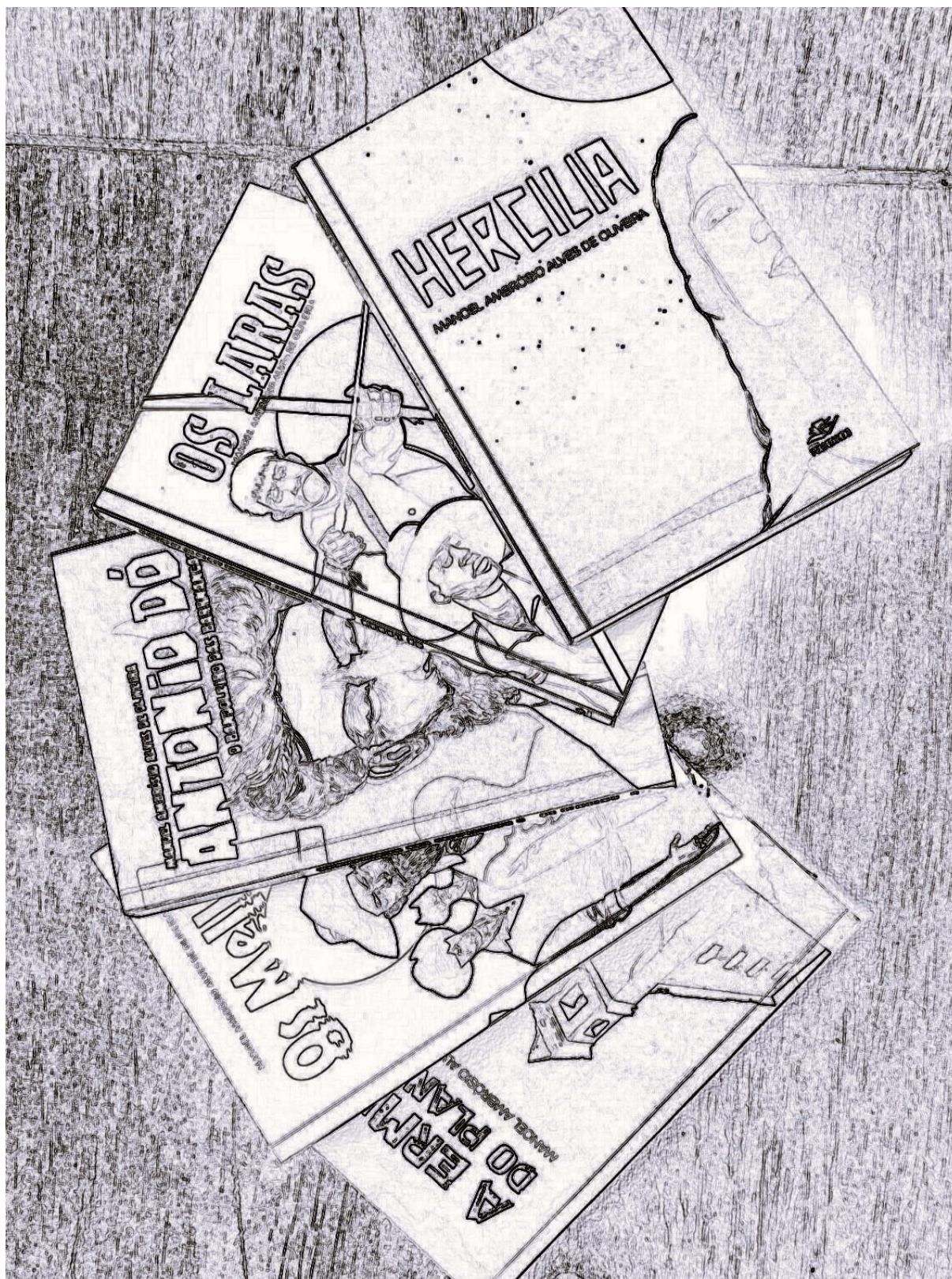
Ambrósio olhava as ruínas, os vestígios, os fragmentos do passado para tentar entender a tempestade do progresso que se avizinhava do Médio São Francisco: vapores e telégrafo, por exemplo, são signos do paradoxo que a modernidade assumia nessas terras. Essa tensão está evidente tanto no horror que o apito do vapor *Rodrigo Silveira* causara na índia tapuia da região de São João das Missões, personagem do conto *O bicho-homem*, de *Brasil Interior* (1934), quanto nas possibilidades de contato com o mundo permitido por aquelas embarcações.

Também o telégrafo, apelidado no romance *Antônio Dó* (1976) de “a viacrucis universal”, tanto podia vomitar “as mais disparatadas invencionices do terror” quanto permitia que Ambrósio mandasse notícias das barrancas para o mundo, como quando denunciou aos leitores do jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora - MG, a perseguição política que vinha sofrendo em Januária: “Na monarchia nada conseguira; na república, sempre tomada de dúvidas, de decepções provada e, não pode a nossa cidade progredir, graças a interesses inconfessáveis que tem servido para cavar a sua ruína” (OLIVEIRA, 1903, p.2).

É espantoso observar como a vida de Ambrósio tenha atravessado tantos episódios da vida nacional. Nascido em 1865, ano em que eclode a Guerra do Paraguai, ele tangenciou os estertores do Segundo Império, a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871), a ilusão da liberdade plena pelas mãos de Isabel, a República, a Guerra De Canudos, a 1ª e 2ª Guerras Mundiais, o apogeu e o declínio da navegação do Velho Chico, a ascensão de Vargas, os ciclos da seca e do banditismo nos sertões nordestino e mineiro.

Dono de uma significativa produção literária, sua obra mais conhecida é *Brasil Interior*: palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco (1934), em que tratou das várias faces do folclore regional. Por conta dessa obra, o autor ficou conhecido apenas como folclorista. Contudo, sua produção literária é muito mais ampla, fruto de uma versatilidade intelectual quase heroica, consideradas as condições em que viveu, escrevendo sempre da margem dos grandes centros.

Assim, da pena do escritor também saíram: *Hercília*: romance histórico (1923), *Os Laras*: no sertão dos guahybas, onde se fez morrer caboclo como o diabo (1938), *A Ermida do Planalto*: novela regional (1945) e o livro de poesias *Paranapetinga* (1938). Postumamente, foram publicados os romances *Antônio Dó*: o bandoleiro das barrancas (1976) e *Os Mellos*: jagunços e potentados no Sertão do São Francisco (2018). Resta inédito o livro *Brasil do Vale* (1909), além de contos, peças de teatro e outros escritos constantes do arquivo de família, cujos manuscritos só mais recentemente estão sendo escrutinados e trazidos a lume.



Nesses textos, Manoel Ambrósio abordou temas como a valorização do homem barranqueiro, a pujança da natureza ribeirinha, as relações sociais locais, os falares e o cotidiano sertanejos, propiciando a construção de uma cartografia ficcional a partir da qual se pode conhecer as diferentes identidades e paisagens existentes no Médio São Francisco, o sertão ambrosiano.

De fato, é adequado alargar as fronteiras das investidas intelectuais e ficcionais de Manoel Ambrósio para além de seu torrão natal. Uma leitura rápida de seus contos e romances e a análise dos diálogos que manteve com figuras como Nelson Coelho de Senna e com os jornais cariocas, especialmente nas décadas de 20 e 30, ajudam a construir a imagem de um homem vigilante tanto em relação aos apelos dos centros urbanos (especialmente o Rio de Janeiro) quanto ao burburinho dos sertões sanfranciscanos.

As obras do januarense são exímias, como já referido, em revelar os vestígios do passado colonial brasileiro nas terras sertanejas, remontando a episódios da história social dos “Gerais das Minas” e do Nordeste brasileiro a partir da ficcionalização de figuras e reviravoltas históricas. Nesse sentido, elas tratam, com maior ou menor ênfase, dos efeitos da escravização, dos ciclos econômicos e políticos que moldaram a região, das violentas expedições bandeirantes, da navegação do Rio São Francisco, dos povos indígenas que habitavam/habitam essas cercanias, entre outros temas.

Infelizmente, em vida, Manoel Ambrósio não obteve maior notoriedade, especialmente no campo literário. Olhando do presente, não é concebível que o escritor tenha sido esquecido, tamanha fora sua produção intelectual. Entretanto, quando se avalia a biografia do escritor, vêm à tona relatos sobre perseguição político-judicial e até mesmo sobre uma tentativa de assassinato, sofridas por Ambrósio. Isso ocorreu em virtude do papel combativo adotado por ele na política e na imprensa (ele editou *A Januária* e, posteriormente, *A Luz*, os primeiros jornais de Januária — MG, plataformas utilizadas para denunciar os desmandos e as mazelas da política dos coronéis e grandes fazendeiros locais).

A segunda razão para essa perseguição está latente nas principais obras de Ambrósio, especialmente nos romances *A Ermida do Planalto*, *Hercília*, *Os Laras*, *Os Mellos* e *Antônio Dó*, nos quais soube usar as palavras como arma contra a prepotência, a dissimulação e as injustiças. Por isso, o escritor sempre viveu sob ataque, escrevendo e

educando o povo na berlinda. Esses fatores, possivelmente, contribuíram para que a obra dele tenha caído no ostracismo.

Pedro Borges Pimenta Júnior

Januária — MG, 11 de agosto de 2021.

